

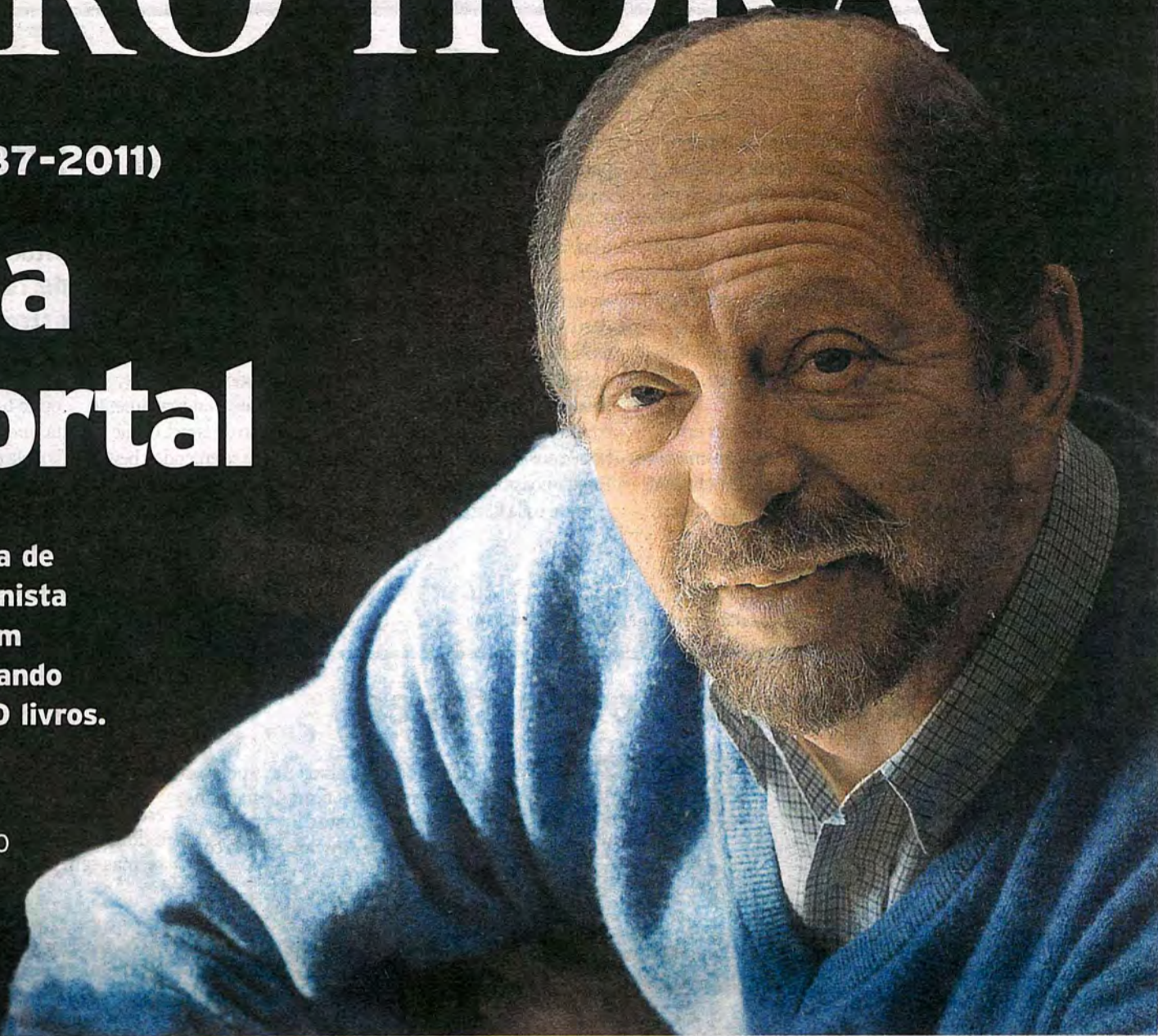
# ZERO HORA

MOACYR SCLiar (1937-2011)

## Adeus a um imortal

Membro da Academia Brasileira de Letras, o escritor gaúcho e cronista de ZH morreu à 1h de ontem em Porto Alegre, aos 73 anos, legando uma obra que soma mais de 70 livros.

Páginas 2, 4, 5, Editorial (12), Sant'Ana (39) e Segundo Caderno



PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 28 DE FEVEREIRO DE 2011 - ANO 47 - Nº 16.612 - 3ª EDIÇÃO

SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48 R\$ 2,00

## Rebeldes avançam na Líbia com apoio dos EUA

Hillary Clinton afirmou que está em contato com a oposição e que dará "qualquer tipo de ajuda" para derrubar Kadafi. Páginas 20 a 23

## Fúria ao volante A versão do atropelador de ciclistas

Advogado, ex-mulher e filho de Ricardo Neis afirmaram a ZH que o motorista alegará à polícia, hoje, ter se sentido ameaçado.

## Eles levaram Grêmio e Caxias à final



Borges (E) marcou três gols na vitória por 4 a 2 sobre o Cruzeiro Sangalli defendeu quatro pênaltis após o 1 a 1 com o São José

➔ **Ativistas farão protesto contra o motorista**

Páginas 24 e 25

**Melhor filme**  
**O Discurso do Rei leva o Oscar**

Página 19





# L. F. Verissimo

## Risando

Minha neta já está com um vocabulário de tribuno, mas às vezes precisa improvisar. No outro dia me contou que tinha visto uma coisa engraçada na rua e disse:

– Eu risei!

Não deixava de haver lógica no erro. Quem dá risada, risa.

Você pode até argumentar – se for um avô de fé – que rir e rizar não são a mesma coisa. Nossa lexicógrafa precoce pode muito bem ter inaugurado um novo verbo, de grande utilidade na distinção entre dois tipos de reação. Pois não se ri e se riza das mesmas coisas.

Há o que é para rir e há o que é para rizar. Rir pode ser um reflexo nervoso causado por alguém (o Kadafi) ou a alguma coisa (a política brasileira), rizar pode ser uma pura expressão de prazer. Você ri com ironia, ri com desdém ou ri para não chorar,

mas risa com gosto, risa do que lhe diverte ou agrada. As razões para rir se multiplicam, as razões para rizar escasseiam. Mas espero que minha neta só encontre razões para rizar na sua vida.

Motivos para rir de nervosos não faltam no norte da África e no Oriente Médio, onde está-se agora em compasso de espera, um termo militar (ou carnavalesco?) que significa “E agora?” Marchar para que lado, depois que os ditadores foram derrubados ou estremecidos? A melhor hipótese é que a revolta tenha sido mesmo modernizadora e não caia nas mãos do radicalismo islâmico. A pior hipótese é que tudo se radicalize, desde o uso do petróleo como arma política até o endurecimento contra Israel, com a consequente radicalização de Israel. O que houve por lá foi uma revolução que ainda não se entendeu bem. Enquanto isto, segue o compasso de espera.

Entre os já derrubados e os estremecidos, Kadafi é o que

**E agora?  
Marchar para  
que lado depois que  
ditadores foram  
derrubados ou  
estremecidos?**

outra figura estranha, o pseudo árabe inglês T.E. Lawrence, que também gostava de se ver no espelho. E Lawrence evoca todo aquele período em que o imperialismo europeu desenhava o mapa da região, inventava países e criava reis, e pensava ter estabelecido a paz para sempre.

mais se aproxima da imagem clássica do déspota levantino criada pelo imaginário imperialista, metade sinistro e metade bufão. Sua vaidade e suas poses sintetizam, como caricatura, o tipo – mas no evidente prazer com que veste seus trajes militares e cerimoniais Kadafi evoca

## Do Leitor

Editor: Pedro Chaves > 3218-4332  
Editora Assistente: Neyde Zys > 3218-4334



### OS PROJETOS ELEITOS PELOS GAÚCHOS

Metrô de  
Porto Alegre

Ponte Brasil/Argentina  
(Região Noroeste)

Duplicação  
BR-386/Tabaí-Estrela

## Scliar na memória dos leitores

Centenas de manifestações de leitores lamentando o falecimento de Moacyr Scliar chegaram à Redação de Zero Hora por e-mail ou foram postadas em Zero Hora.com. Abaixo, algumas delas:



MOACYR SCLIAIR, RIO DE JANEIRO

Lembro como ele descrevia a sua descendência judaica: “Sofri com aqueles que foram perseguidos, morri com aqueles que foram exterminados, mas orgulho-me daqueles que deram sua contribuição à humanidade nas artes, nas ciências, na literatura, na política”.

Senador Paulo Paim, Brasília - DF

Se existem anjos, Moacyr será um deles. O meu domingo é de tristeza após saber da morte do nosso querido escritor.

Alceu Medeiros, Bento Gonçalves

Segundo me recordo, foi Tolstói que disse que “para falar do mundo, fale de tua aldeia”. Scliar fez isso muito bem, tanto que conquistou reconhecimento e traduções em todas as partes do mundo.

Claudia Crusius, Passo Fundo

Scliar, além de um grande escritor, foi uma pessoa de profunda capacidade de indignar-se com as desigualdades. Vai fazer falta a todos que desejam o fim da violência e da discriminação.

Telia Negrão, Coordenadora da ONG Coletivo Feminino Plural e da Rede Feminista de Saúde

Nada mais será igual. Na Zero Hora, a Cena Médica não será mais a mesma. Teus leitores fiéis buscarão avidamente as tuas crônicas e não a encontrarão naqueles locais já tão conhecidos e tão procurados. A literatura brasileira e mundial foi profundamente ferida.

Themis Groisman Lopes, Porto Alegre

Moacyr Scliar foi para outro plano, sua obra é imortal, ler seus textos é mantê-lo vivo. Saudades.

Iara Cabreira Kobielski  
Aposentada – Alvorada

Com pesar escrevo para Zero Hora lamentando a irreparável perda do eminente escritor e colaborador deste jornal, Moacyr Scliar. Fica sua grandiosa obra, a elevar ainda mais o ser humano e seus exemplos de homem bondoso e íntegro a nos inspirar.

Claudio Roberto Morgental

Um dia entrei numa agência dos Correios e encontrei o imortal na fila. Fiquei emocionada com sua simplicidade e simpatia. Aprendi a admirá-lo muito mais. Ele fará muita falta num tempo em que os valores mudaram tanto.

Maria Helena Vogt, Porto Alegre

Scliar deixa um enorme legado para seus leitores. Cidadão, médico e escritor de alta estirpe, este porto-alegrense é orgulho de todos os gaúchos, pois, com sua obra irretocável, rompeu fronteiras e conquistou reconhecimento no Brasil e no Exterior.

Ilton Jornada, Rio de Janeiro

O mundo ficou ainda mais pobre e triste. Nossas vidas ficaram mais cinza. Contudo, sua obra é imortal, assim como sua alma que será acolhida com alegria por Deus.

Milton Kopstein, Aracaju (SE)

Sua obra marcou minha vida. É com muita tristeza que mando condolências à família Scliar. Obrigado por dividir com o mundo tua incrível sabedoria.

Samanta Fontoura dos Santos,  
Bloomfield, NJ - EUA

Perdemos uma das maiores autoridades da literatura brasileira.

Oswaldo Billig, Porto Velho (RO)

Querido Scliar, fica em minha lembrança, além da obra genial, suas doces palavras sobre nossa cidade em visita a João Pessoa no último ano.

Vinicius Camêlo, João Pessoa (PB)

Grande poeta, grande homem, com uma alma simples, pura, igual ao de um menino. Vai fazer muita falta.

Clarissa Flores, Santa Maria

O mundo ficou mais triste, e o céu mais iluminado. Adeus Moacyr.

Inez Kepler, Guaíba

Nosso alfabeto perdeu letras.

Teofilo Andre Santos, Brasília

Metade da população do Mato Grosso é gaúcha e está de luto. Scliar deixa um enorme vácuo na literatura do país. Associamos aqui do Cerrado nossa dor pela perda.

Francisco Borba, Nova Nazaré (MT)

Tive várias oportunidades de entrevistá-lo e sempre fiquei impressionada com a sua capacidade de colocar o humanismo em tudo o que fazia, seja como médico, seja

como responsável pela saúde pública em governos passados, seja como escritor. Como pessoa, era simpático e dono de uma ótima conversa, culta, mas sem pedantismo.

Angela Rahde

No decorrer dos anos passei a ser um leitor semanal das colunas de Moacyr Scliar e aprendi a respeitá-lo. Só posso pedir a Deus que providencie um substituto.

Jaime Zedll de Sousa, Porto Alegre

O Scliar partiu muito cedo. Esperávamos muito mais livros, muito mais momentos de prazer e reflexão. Estou profundamente triste.

Carla Sanfelici, Beaumont-sur, França

Poucos sabem que Scliar também foi um grande líder e responsável pela mudança na Saúde Pública do Estado.

Ana Maria Ieder Brito, Porto Alegre

Além de talentoso e dedicado em tudo o que fazia, especialmente na literatura, Moacyr era uma pessoa de singular grandiosidade. Sempre foi muito receptivo a autores iniciantes, como eu, jamais se furmando a auxiliar no que estivesse ao seu alcance.

Rafael Bán Jacobsen, Porto Alegre

Estamos muito tristes com a partida de Moacyr Scliar, além de imortal nas letras, ele foi um colaborador de primeira linha para a causa da doação de órgãos e dos transplantes.

ADOTE- Aliança Brasileira pela Doação de Órgãos e Tecidos, Pelotas

Scliar vai fazer falta. Já estou sentindo muito sua ausência nas colunas de Zero Hora. Foi muito bom tê-lo junto a nós.

Maria Ester Canova, Sarandi



Barbara Nickel



**VOZ DAS RUAS** - Ganhou repercussão nos últimos dias a história de um morador de rua de Nova York que reencontrou a filha após 11 anos de separação. Danny Morales é um dos participantes do projeto *underherdnewyork.com*, que deu telefones celulares pré-pagos a quatro desabrigados da cidade americana. A ideia era compartilhar via Twitter a experiência destes homens, mas a iniciativa tem tido tanto sucesso que pode acabar transformando a vida deles. Saiba mais em [www.zerohora.com/conexaozh](http://www.zerohora.com/conexaozh)

### ZH NO FIM DE SEMANA

Como cai um ditador **52,6%**

Violência contra ciclistas **36,5%**

Golpistas se aproveitam da caridade para lucrar **31,6%**

Essas foram as notícias ou reportagens mais citadas por cerca de 100 assinantes.

### POLEMICA NO AR

**GAÚCHA**  
Hoje: Bruna Surfistinha, livro e filme, conta a história de uma jovem prostituta bem sucedida. Poderá fazer a cabeça de alguém? Sim 3299-2601 Não 3299-2602





## ☆ PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO ☆

Judith Scliar (esposa), Beto Scliar (filho), Wremyr e Beth Scliar e família, Jacobo e Marili Buchalter e família (irmãos e sobrinhos); Seldi Oliven (sogra), Ruben e Arabela Oliven e família, Miguel Oliven e Maria Amélia Campos e família, Joel Bassaget e Miriam Oliven, Gabriel e Leonora Oliven e família (cunhados e sobrinhos) do muito amado

# Moacyr Scliar

participam, com profundo pesar, seu falecimento e convidam para o sepultamento no Cemitério Israelita de Porto Alegre na Rua Guilherme Schell, 315 às 11 horas de segunda feira, dia 28 de fevereiro. A família comovida agradece a incansável dedicação da equipe médica e de enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.



## Reportagem Especial

DILMA ROUSSEFF, presidente da República

“

“Recebi com muito pesar a notícia da morte. Scliar foi um ícone da literatura gaúcha, brasileira e latino-americana. Com mais de 70 obras publicadas e colunista em dezenas de jornais, ele representou nossa sociedade em diversos gêneros literários, sem perder de vista sua condição de filho de imigrantes e sua formação médica. É com tristeza que nos despedimos desse mestre da nossa literatura.”

TARSO GENRO, governador do Estado

“

“Scliar era um judeu universal. Era um artista muito ligado à questão judaica, mas com a capacidade de reconhecer o outro, de se ver no outro e encontrar nele um idêntico, o que fazia dele um ser humano extraordinário. Vamos dar o seu nome ao Grande Prêmio Literário Estado do Rio Grande do Sul, que instituiremos este ano em parceria com a Petrobras.”

JOSÉ SARNEY, presidente do Senado e membro da ABL

“

“Acompanhei todo o período em que ele esteve adoentado com grande apreensão. Liguei várias vezes para o hospital, falei com Judith. Um dos grandes nomes da literatura brasileira, uma personalidade extraordinária. Era um operário das letras, além de um grande escritor. Abordou todos os gêneros, trabalhava dia e noite. Estava em pleno vigor intelectual, em plena atividade, em plena vitalidade.”

## MOACYR SCLIAR (1937 – 2011)

## Legado imortal

Um dos mais prolíficos e premiados autores brasileiros, Moacyr Scliar tinha presença constante e intensa na vida literária local e nacional. O escritor morreu na madrugada de domingo, aos 73 anos, depois de permanecer mais de 40 dias internado no Hospital de Clínicas. Durante o velório, na Assembleia Legislativa (foto), colegas, amigos e autoridades saudaram a memória do autor que tornou o Bairro Bom Fim universal.



RICARDO CHAVES

A cena estava ali, aos olhos de todos os que chegavam ao Salão Júlio de Castilhos da Assembleia Legislativa ontem à tarde: o esquife fechado, como manda a tradição judaica, guardava o corpo do escritor Moacyr Scliar, e sua família enlutada recebia os cumprimentos de uma multidão que se manteve constante.

Mas a sensação de muitos dos presentes era resumida pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, secretário de Cultura e amigo de Scliar:

– Ainda não consigo imaginar um cenário da literatura do Estado sem ele, tal a intensidade com que ele vivia a vida literária, tão importante e aglutinadora era sua presença.

O rosto sério, encostado a um pilar do salão, outro dos grandes autores do Estado, Sergio Faraco, dizia algo parecido:

– Para nós, que começamos com ele mais ou menos na mesma época, pensar em um mundo sem Scliar é como sentir que falta um alicerce.

Tão logo soube da morte, ainda de madrugada, o presidente da Assembleia, Adão Villaverde, colocou à disposição da família o salão para o velório, e lá ficou grande parte do tempo.

O autor de mais de 70 livros em 73 anos de vida não tinha apenas talento e facilidade pa-

ra a escrita, mas para fazer amigos. Sua morte na madrugada de ontem, depois de mais de 40 dias internado, deflagrou amplas manifestações de luto. As homenagens foram prestadas por conhecidos de Scliar em todos os seus campos de atuação: integrantes da comunidade judaica, médicos, jornalistas, escritores, leitores.

Seu editor, Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras, voou de São Paulo tão logo soube da notícia. Discreto durante o velório, por vezes trocava algumas palavras com Judith, 64 anos, com quem Scliar era casado desde 1965. Um pouco mais ao fundo do salão, amigos manifestavam sua solidariedade ao filho de Scliar, o fotógrafo Beto, 31 anos. Membros da comunidade judaica de Porto Alegre, do meio literário, da imprensa, todos se enfileiravam para demonstrar seu respeito ao autor de *O Centauro no Jardim*. A Academia Brasileira de Letras, para a qual o escritor havia sido eleito em 2003, foi representada por Domício Proença Filho. Dilma Rousseff enviou uma coroa de flores. E a comoção chegou até a internet, onde a morte foi lamentada em blogs e no serviço de microtextos Twitter por jornalistas, escritores, amigos e leitores que só o conheciam por seus livros, por palestras para as quais o generoso autor sempre encontrava tempo ou pelas

suas múltiplas crônicas na imprensa – para Zero Hora, ele escrevia três colunas semanais.

– Perdemos um dos nossos, mas a tristeza é de todo o Brasil. E também dos gaúchos que lamentam a perda de um escritor que retratou como ninguém o Estado em livros e em crônicas – disse o vice-presidente executivo do Grupo RBS, Eduardo Sirotsky Melzer.

## Prêmios e fundação homenageiam autor

As homenagens ao autor devem se prolongar por todo o ano. Ontem, no velório do escritor, o governador Tarso Genro decretou luto oficial de três dias e anunciou que o prêmio literário que o Estado vai criar a partir deste ano, com apoio da Petrobras, para livros lançados nos dois anos anteriores, receberá o nome de Moacyr Scliar. A Academia Brasileira de Letras, em que Scliar ocupava a cadeira 31, também decretou luto oficial. O secretário de Cultura de Porto Alegre, Sérgio Gonzaga, presente no velório, informou que a Semana de Porto Alegre deste ano será em homenagem a Scliar. O Prêmio Fato Literário, entregue pelo Grupo RBS durante a Feira do Livro, homenageará o escritor em 2011.

– É uma perda enorme. Scliar era um escritor e um colega extraordinário, generoso e de grande simplicidade. Um homem que, com a mesma paixão, em um dia podia dar uma palestra em uma escola no Interior e dois dias depois estar em Nova York, para um curso – destacou o vice-presidente RS do Grupo RBS, Geraldo Corrêa.

A própria família Scliar estuda, passado o primeiro impacto, criar uma fundação com o nome do escritor para se dedicar a fazer o que ele sempre fez: apoiar novos autores. Scliar era conhecido por ser prestativo e atencioso com autores da nova geração e redigiu prefácios e textos de apresentação para muitos deles.

– Olhando agora, é bem apropriado que o último livro dele se chame *Eu Vos Abraço, Milhões*. É quase um livro-testamento para um autor que de fato parecia generoso o bastante para abraçar o mundo – disse Luiz Schwarcz.

## Segundo Caderno

- Acesse [www.zerohora.com/segundocaderno](http://www.zerohora.com/segundocaderno) e:
- > Confira a trajetória de Moacyr Scliar;
- > Em Mural, manifeste suas condolências à família do escritor;
- > Leia a última coluna de Scliar em ZH.



LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL, secretário de Cultura do RS

“

“Eu estou chocado. Até lembrei de uma frase do Saramago, perguntado sobre a morte: ‘A morte é simples: ora se está, ora não se está mais’. Dessa maneira tão simples, acho que o Saramago resumiu bem a questão. O problema é nós, os próximos, os amigos, os admiradores, os leitores, nos acostumarmos com essa ideia de que ele não está mais entre nós.”

NELSON SIROTSKY, presidente do Grupo RBS

“

“Tive o privilégio de assistir a um dos momentos mais felizes da vida do Moacyr: sua posse na ABL. Estive lá com a Nara, minha mulher. Nós percebemos que aquele momento simbolizou toda a grandeza do nosso companheiro de RBS, que expressou com as letras, que tão bem dominava, a verdadeira imortalidade de sua alma. A principal lembrança que vou guardar é essa, a de um homem realizado, feliz, recompensado pela sua grande obra.”

JAYME SIROTSKY, presidente emérito do Grupo RBS

“

“Mico foi meu companheiro de reuniões dançantes. Assim Scliar era chamado no círculo familiar e pelos amigos próximos. Nossas famílias têm histórias semelhantes. Ele também veio de uma família modesta, mas centrada na educação dos filhos. Tanto que se formou em Medicina. Depois, por sua versatilidade e talento, encontrou a vocação da literatura. Foi bom médico, brilhante escritor e incomparável ser humano.”

## O adeus dos colegas

LARISSA ROSO

Durante todo o domingo, o nome de Moacyr Scliar se manteve entre os tópicos mais comentados – no Brasil e no mundo – no Twitter, site em que fãs destacaram, além de seus livros favoritos, lembranças singelas. “Você contando suas histórias para mim sobre sua máquina de escrever. Obrigada por me dar esse momento maravilhoso. Vá em paz”, recordou uma admiradora de São Paulo, sem detalhar local ou data do encontro inesquecível. Veja, a seguir, o que disseram personalidades da área literária:

“Estou muito triste com as mortes do Scliar e do Benedito Nunes (filósofo e escritor paraense, também morto neste domingo). Perdi dois grandes amigos em um dia. Participamos (Scliar e eu) de alguns eventos literários juntos. Sempre foi uma pessoa muito generosa com os escritores. Nesse mundinho da literatura, há muita vaidade, uma vaidade doentia, como talvez exista em todas as profissões. O Scliar estava acima disso. Quem é generoso não precisa ficar se afirmando.

Não achava que ele iria embora agora, sinceramente. A morte é sempre um escândalo.”

**Milton Hatoum**, escritor amazonense, autor de *Dois Irmãos*

“A Academia está muito magoada. Moacyr foi um acadêmico exemplar porque ele era um acadêmico múltiplo: era um acadêmico na Academia e para a Academia. Ele era muito presente em seminários, simpósios, missões no Exterior, universidades estrangeiras.

Quantas e quantas vezes Moacyr nos advertia para questões de trabalho excessivo. E eu, muitas vezes, perguntava: ‘Moacyr, qual é a autoridade que você tem para reclamar de quem está trabalhando muito? Você não para de trabalhar?’

**Marcos Vinícios Vilaça**, presidente da ABL

“Era um dos escritores mais queridos da literatura brasileira. Não só por causa da obra, cuja importância é indiscutível, mas também pela generosidade com que tratava colegas, leitores, editores, jornalistas.”

**Michel Laub**, escritor gaúcho, autor de *O Segundo Tempo*

“Gostava muito do Scliar. A leitura de *O Centauro no Jardim* foi um impacto para mim. *A Majestade do Xingu* é um romance perfeito. Acabei de ler *Eu vos Abraço, Milhões*. Ele internacionalizou a literatura brasileira. Era um herdeiro do estilo do grande narrador.

Costumava encontrá-lo em feiras de livro. A última vez foi em Ribeirão Preto, em agosto. Em um hotel do Rio, no café da manhã, ele olhou para o meu prato e disse: ‘Bá, tchê, que frugal que tu és’ (risos). Como médico, achou a minha alimentação ótima, deu nota 10. Anos atrás, éramos jurados do prêmio Portugal Telecom. Um dia, brincou: ‘Agora vou me alimentar. Eu nem sei por que vou comer, já que eu sou imortal’. Só tenho doces lembranças dele.”

**Cristovão Tezza**, escritor catarinense radicado no Paraná, autor do multipremiado *O Filho Eterno*

“Ele fez a orelha do meu terceiro livro, *Anotações Durante o Incêndio* (2000). Não me conhecia, não sabia quem eu era. Leu e, em três dias, estava pronto. Depois descobri que ele era generoso para tudo. Quando eu era diretora do Instituto Estadual do Livro, se faltasse um autor para atender a uma escola lá num cafunó, ele ia. Era um entusiasta da literatura, um amante da vida. Muito grato ao Brasil, ao Rio Grande do Sul – foram esse país e esse Estado que acolheram a nossa gente. Ele se sentia profundamente gaúcho. Era sinceramente gaúcho e sinceramente judeu, embora não fosse religioso. Perdemos um homem maravilhoso, um diamante.”

**Cíntia Moscovich**, escritora gaúcha, autora de *Dois Iguais*

### PAI E FILHO FILHO E PAI



ROBERTO SCLIAR, ESPECIAL

Beto Scliar foi retratado por Moacyr Scliar em muitas de suas bem-humoradas crônicas. Depois de uma certa idade, o filho, transformado em fotógrafo profissional, passou a retribuir. A foto acima foi tirada em 2003 por Beto, então com 24 anos. Ambos assinaram um livro sobre histórias de Porto Alegre. Textos do pai, fotos do filho.

## Da turma do basquete

O chargista Marco Aurélio, de *Zero Hora*, jogava basquete com Scliar e mandou ontem à tarde um e-mail:

“Convivi com o Moacyr em dois locais diferentes. Em ambos, usava suas inquietas mãos: na Redação de *Zero Hora* e no ginásio de esportes da Associação Cristã de Moços (ACM), onde deixou uma obra que também o imortalizou. Tal como no livro *O Exército de um Homem Só*, brindava todos os anos a nós, atletas de basquete da turma do meio-dia, com uma única ces-

ta de três pontos – o que nos levou a chamá-lo de O Homem de uma Cesta Só. Como essa façanha acontecia nos finais de ano, após quase uma centena de tentativas – número semelhante ao total de livros de sua admirável obra –, foi cognominada de A Cesta de Natal. Esses primeiros três pontos estão imortalizados nos dizeres pintados no piso da quadra, descrevendo o certeiro arremesso no local do inédito acontecimento, com tinta indelével para que, mesmo na ausência, lembremos para sempre a sua festejada Cesta de Natal.”

## Biografia

> Moacyr Jaime Scliar nasceu em 23 de março de 1937, no Hospital Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre. Seus pais, José e Sara Scliar, naturais da Bessarábia (Rússia), chegaram ao Brasil em 1904. O casal teve ainda Wremyr e Marili. O nome do primogênito foi escolhido pela mãe, após ler *Iracema*, de José de Alencar.

> Em 1943, ingressou na Escola de Educação e Cultura, conhecida como Colégio Lídice, onde sua mãe foi professora. Em 1948, foi para o Colégio Rosário.

> Formou-se em Medicina pela UFRGS em 1962. Como especialista em Saúde Pública e doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública, trabalhou no Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência.

> Publicou seu primeiro livro em 1962: *Histórias de Médico em Formação*, conjunto de contos sobre sua vida de estudante. Seis anos depois, *O Carnaval dos Animais*, também de contos, marcaria, segundo o próprio autor, sua estreia oficial na literatura.

> Teve livros traduzidos em países como EUA, França, Alemanha, Espanha, Itália, Rússia, Suécia, Polônia, Bulgária, Japão, Argentina e Uruguai. Dentre os principais prêmios recebidos, estão os Jabutis para os romances *Sonhos Tropicais* (2002), *A Mulher que Escreveu a Bíblia* (1999) e *Manual da Paixão Solitária* (2008) e para o livro de contos *O Olho Enigmático* (1988). Em 1989, ganhou o Casa de Las Américas, em Cuba.

> Sétimo ocupante da Cadeira número 31 da Academia Brasileira de Letras, elegeram-se em 31 de julho de 2003 para o lugar deixado por Geraldo França de Lima.

LEIA MAIS SOBRE A VIDA E A OBRA DE MOACYR SCLIAR NO SEGUNDO CADERNO >





## Mais pobres sem Scliar

**A**s homenagens prestadas a Moacyr Scliar no velório na Assembleia Legislativa só confirmaram o que os amigos já sabiam: o Rio Grande do Sul perdeu um homem eclético que ao longo da vida conquistou admiradores à esquerda e à direita. A palavra mais ouvida para se referir ao escritor era “generosidade”. Uma generosidade que se expressava na forma como tratava os outros escritores do seu porte, os aspirantes e, sobretudo, os alunos dos confins do Brasil que graças a essa disposição conheceram um imortal.

Abalado com a perda do amigo, o secretário da Cultura, Luiz Antonio de Assis Brasil, foi um dos primeiros a chegar à Assembleia, junto com a mulher, a também escritora Valesca de Assis Brasil. O casal recordava as incontáveis vezes em que Scliar aceitou viajar para o interior

do Rio Grande do Sul para participar de feiras ou simplesmente conversar com alunos.

Na Redação de Zero Hora, Scliar também deixou como marca a generosidade e a incomparável capacidade de trabalho, traduzidas pelo carinho com que tratava os colegas e pela disposição em colaborar. Se estava em um evento e identificava uma informação que pudesse servir a algum colunista, ligava do meio da festa para avisar. Se o editor de qualquer área precisasse de um texto de qualidade para apoiar uma matéria sobre os mais diversos assuntos recorria a ele, a sua lucidez de analista e a seu conhecimento enciclopédico. Não se tem notícia de que alguma vez tenha dito não. As duas perguntas que fazia eram sempre as mesmas: em quanto tempo precisava entregar a tarefa e qual era o tamanho do texto.

Não é de se estranhar, pois, que nesses anos todos de ZH ele tenha sido presença regular no Segundo Caderno, na Opinião e no Vida e colaborador bissexto na Política, na Geral e no Mundo, além de dar palpites sobre basquete, o esporte que praticava, e o Cruzeiro, seu time do coração.

Para homenagear Scliar, o Rio Grande do Sul deveria se mobilizar para que sua cadeira na Academia Brasileira de Letras seja ocupada por um escritor gaúcho e não por algum político de talento discutível. Não se trata de bairrismo, mas de valorizar a produção literária do Estado que Scliar divulgou pelo mundo com seu talento. Bons candidatos não faltam, a começar por Assis Brasil, Luis Fernando Verissimo e Lya Luft, embora nem todos tenham disposição para encarar a disputa na ABL e os ritos que envolvem a imortalidade.



# IMORTAL E MÚLTIPLO

O escritor Moacyr Scliar, falecido na madrugada de ontem, pode ser exaltado pela sua reconhecida qualidade literária. Além de ter escrito mais de 70 livros, vários deles premiados, também publicou centenas de crônicas em jornais de grande circulação, em revistas nacionais e até mesmo em pequenas publicações. Sua paixão era escrever.

O médico Moacyr Scliar, especializado em saúde pública, pode ser exaltado pelo seu rigor com a profissão, pela sua visão social e humanitária, e pela sua crença na ciência como instrumento de bem-estar individual e coletivo. Para ele, prevenir era mais importante do que curar.

O acadêmico Moacyr Scliar, imortalizado pelo reconhecimento de seus pares intelectuais, pode ser exaltado pela nobreza que emprestou ao fardão, jamais deixando que a glória ofuscasse sua conduta de homem simples. Era, antes de tudo, um sábio.

O porto-alegrense Moacyr Scliar, orgulho deste Estado, cantou o mundo ao cantar sua aldeia, reinventando vidas a partir do cotidiano das famílias do bairro Bom Fim, nos seus livros traduzidos em diversos idiomas.

O chefe de família Moacyr Scliar, marido devotado de Judith e pai amoroso de Beto, deu exemplo de conduta pessoal, divulgando na teoria e na prática os valores éticos da responsabilidade, do trabalho e do respeito ao próximo.

O judeu Moacyr Scliar, filho de imigrantes russos, cultuou com respeito a história e as crenças de seus antepassados sem deixar de ser pluralista no tratamento da temática religiosa em suas obras. Explorou, com maestria, o humor judaico.

O editorialista Moacyr Scliar, polivalente na capacidade de abordar qualquer assunto, foi autor anônimo de comentários publicados nesta página, interpretando com conhecimento de causa e posicionamento firme as demandas dos gaúchos.

O homem Moacyr Scliar, admirado pelos



**Admirado pelos amigos e colegas de trabalho, Moacyr Scliar foi exemplar na simplicidade, no companheirismo e na compreensão do ser humano.**

amigos e colegas de trabalho, foi exemplar na simplicidade, no companheirismo e na compreensão do ser humano. Aceitava com o mesmo entusiasmo viajar centenas de quilômetros para proferir palestras no Exterior ou caminhar até a esquina mais próxima para conversar com estudantes de uma escola pública.

Múltiplo e imortal, protagonista de ce-

nas de uma vida verdadeiramente maiúscula, esse homem só que vale por um exército, que semeou a paz da literatura no Bom Fim, que escreveu suas próprias bíblias e muitos manuais desta paixão coletiva pela leitura, que provocou sonhos tropicais em incontáveis leitores, esse centauro de todos os jardins rio-grandenses mereceu os milhões de abraços de todos nós.

## Adeus, meu quase amigo!

JOSÉ J. CAMARGO \*

A divisão original parecia simples: os amigos verdadeiros, aqueles que não mudam o jeito de nos querer depois que tudo de bom nos acontece, esses que são raros e preciosos, as figuras com quem convivemos sem emoção extremada, esses que são numerosos e inevitáveis, e os inimigos, que sempre queremos que sejam poucos, mas não conseguimos evitar que existam, nem desconhecer que pela estatura deles se mede o tamanho do que fazemos.

Com a vida e os encontros fortuitos descobrimos que há outro grupo, importante, mas pouco prestigiado: o dos que poderiam ter sido nossos amigos de verdade! E quando um deles se vai, aguça a sensação de perda irreparável.

Quase fui amigo de Moacyr Scliar.

Nosso primeiro contato foi traumático e inesquecível. Ele sofrera um acidente de carro e com várias fraturas de costelas foi transferido do Pronto Socorro para a UTI do Pavilhão Pereira Filho num final de tarde. Depois de drenado o pneumotórax e anestesiadas as costelas, ainda continuava respirando com esforço. Com uma oxigenação satisfatória foi decidido observá-lo por algumas horas. Naquela noite fui a uma festa e no meio da madrugada, antes de voltar para casa, decidi dar uma passada na UTI para ver como andavam as coisas. Observei-o dormindo e depois de algum tempo ele despertou, me viu nos pés da cama e sorriu. Sedado que estava, voltou a dormir.

Uma semana depois, quando recebeu alta, lhe perguntei como tinha sido este traslado agudo entre um indivíduo normal que passeia na rua e um paciente que entra numa emergência com a sensação de morte iminente. Ele me descreveu o medo que sentira e referiu, espontaneamente, que nunca esqueceria a sensação de segurança ao descobrir dois olhos grandes e serenos a vigiar seu sono no meio da madrugada.

Depois disso organizamos duas jornadas sobre a literatura na medicina, na UFCSPA, e aí descobrimos que tínhamos algumas paixões literárias em comum, a começar pela Morte de Ivan Ilitch, onde Tolstói discute a morte desejada pela incapacidade da família e seus amigos de conviver com o sofrimento sem perspectiva.

Quando entrei no jogral explicando aos alunos que o relato era cruel e podia parecer exagerado, mas que quem convive com doentes terminais, e especialmente os que têm dor de difícil controle, entende o drama de Tolstói e a solidão desesperada de Ivan Ilitch, encontrei um brilho de encantamento nos olhos do Scliar, aquele brilho que expressa identidade de sentimentos.

Como seres apressados e itinerantes, nos habituamos aos papos rápidos e compactos de aeroporto, onde uma vez, em São Paulo, me agradeceu muito por ter interrompido a abordagem de um fã que resolvera lhe contar as últimas piadas do humor judaico, logo para ele, que se orgulhava de conhecer todas elas!

No último encontro, no Salgado Filho, combinamos um encontro na Academia Nacional de Medicina, onde ele faria uma conferência sobre o humor médico, esse inesgotável manancial que permeia as relações humanas sacudidas pela tragédia, mas sempre embaladas pela esperança.

Com sua morte, a tristeza de que perdemos esse último riso, e a massacrante sensação de que poderíamos ter convivido mais.

Que pena, meu quase amigo!



BRASÍLIA

carolina.bahia@gruporbs.com.br



*Carolina Bahia*

## Para Scliar

**H**oje, os bastidores da política e da economia de Brasília vão ficar só um pouquinho de lado. A perda do colega e escritor Moacyr Scliar paralisa os sentidos. Não só pelo texto elegante, fluido, quase uma conversa de amigos. Mas porque a sua obra está na minha formação cultural, faz parte das melhores lembranças da Feira do Livro, embala o prazer da boa literatura. Senadores e ministros passaram o domingo no Twitter, enaltecendo o talento de Scliar. Que funcione como inspiração, então, para que o Brasil invista mais em literatura e valorize os seus escritores. Assunto ainda raro nas rodas de conversas de autoridades na capital federal.





## Dia de enterros

**A**cena se passou na porta do Paraíso, ontem de madrugada.

Jeová estava na porta, esperando os convivas, quando surgiu o primeiro do dia, o escritor Moacyr Scliar.

Jeová cobriu Scliar carinhosamente com seu manto e disse:

– Moacyr, que mais eu podia exigir de ti que tu não cumprisses? Exigi que fosses filho agradecido e pai dadivoso e tu cumpriste. Exigi que fosses marido fidelíssimo e cumpriste. Exigi que fosses colega franco e leal, cumpriste. Exigi que fosses grande nas letras e nas tradições judaicas e cumpriste. Que mais eu poderia exigir de ti, Moacyr, que não cumprisses? Pois até isso eu te fiz, exigi algo impossível de ti, mortal Moacyr: que fosses imortal. E até isto tu conseguiste ser, Scliar. Não havia mais o que exigir de ti. Entra e sob este teto encontrarás o reconhecimento divino.

É um tempo de falecimentos. O que se vai fazer? Morreu também ontem, na mesma hora do Scliar, o ex-senador Octávio Cardoso, marido da senadora Ana Amélia Lemos.

Eu o encontrava sempre nas festas, bonachão, sorridente, o espírito apurado, vai deixar saudade entre os que privaram com ele.

A julgar pelo número de doenças que tenho, o próximo enterro deverá ser o meu.

Eu falei isso ontem no velório do Scliar e me lembrei que, apesar das 16 doenças que tenho, três graves, continuo escrevendo esta coluna.

Então várias pessoas me disseram, consoladamente, que o que me ergue e me mantém vivo é justamente isto: trabalhar, mesmo estando doente.

Mas a respeito do meu enterro, que deverá ser o próximo, quero lembrar que vou querer presente, além dos meus amigos e de meus leitores, um banjo.

Eu preciso de um banjo no meu enterro, além dos cavaquinhos e violões, um banjo.

Vocês sabem o que é um banjo, creio. É aquele instrumento tipo bandolim que, no entanto, tem um couro esticado atrás das cordas.

Um banjo será inesquecível com seus acordes roucos no meu enterro.

Essa mania vem da infância, do bairro Partenon.

Não quero morrer nem em janeiro nem em fevereiro: o pessoal fica na praia e não vem a enterros.

Quero morrer na primavera, todo mundo em Porto Alegre, porque quero casa cheia no meu enterro.

Não sei por que quero que sirvam vinho do Porto no meu velório.

Vinho do Porto e doces bem-casados. É uma mania de defunto que eu tenho.